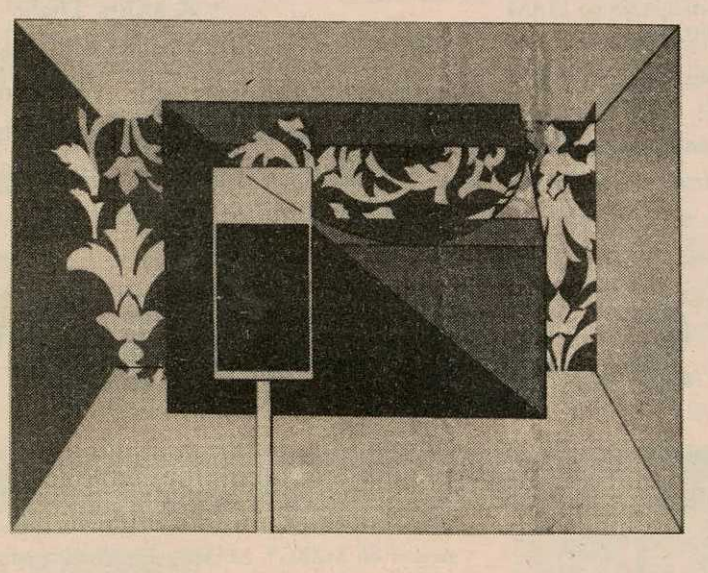
MUSEU DE ARTE DO RGS
BIBLIOTECA

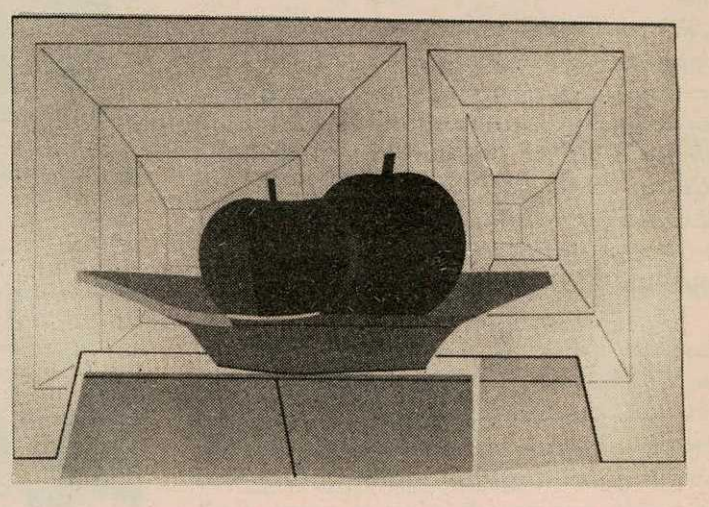
AAMARGS Jornal da

ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DO MUSEU DE ARTE DO RIO GRANDE DO SUL • PUBLICAÇÃO MENSAL • ANO II • DEZEMBRO 1994 • Nº 20 • PORTO ALEGRE

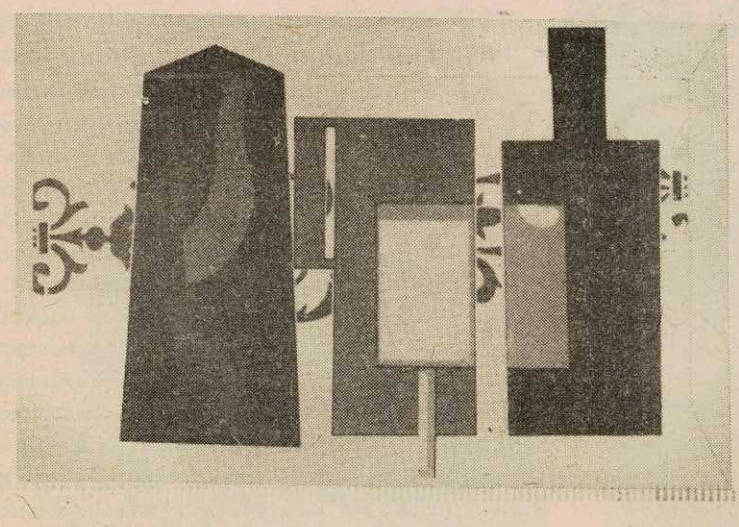


O pintor gaúcho Carlos Scliar doou ao MARGS 51 gravuras para serem vendidas em benefício da instituição. Desse total, 12 imagens ficaram para o museu, aumentando o lote expressivo de 62 obras de Scliar presentes no acervo. As demais serigrafias podem ser encontradas à venda na Arteloja do MARGS. As obras com paisagens e natureza-morta reproduzem as temáticas básicas de Carlos Scliar, artista fundamental na história da arte gráfica e pictórica do país.

Scliar



Serigrafias de Carlos Scliar disponíveis na Arteloja



Fotos de Circe Saldanha

NOSSOS BOSQUES TÊM MAIS VIDA? P.3
LIANA TIMM P.3
EDUARDO DE MORAES PIRES P.3
BALANÇO 1991-1994 P.2
NAVI MOSTRA CAXIAS P.2
INVESTIGAÇÕES SOBRE AS IMAGENS PRODUZIDAS EM COMPUTADOR P.4

EDITORIAL

1994 encerra com uma agenda movimentada. Neste mês, o MARGS exibe boas exposições como as coletivas Nossos Bosques têm mais vida?, NAVI mostra Caxias e as individuais de Liana Timm e Eduardo de Moraes Pires. Um dos programas imperdíveis de dezembro é o tradicional concerto de Natal do Coral MARGS e da Sociedade de Música e Orquestra de Câmara - Somúsica - no dia 18. Aproveitamos para desejar um Feliz Natal para todos, em especial, aos associados e voluntários da AAMARGS, aos funcionários do museu e todos aqueles que de alguma forma colaboraram, ao longo do ano, nas atividades do Museu de Arte do Rio Grande do Sul.

Direção da AAMARGS

A caravana cultural para a 22ª Bienal de São Paulo foi transferida para 7 a 12 de dezembro. Visitas monitoradas pela megaexposição, museus da cidade e galerias. Onibus de luxo, translados e pernoite com café da manhã. Informações e inscrições no museu ou pelo telefone 227-2311, ramal 30.

A artista plástica Marta Loguércio foi selecionada para expor no MARGS, na Sala Pedro Weingärtner, na edição 1995 do Projeto Museu Aberto. Marta é conhecida por sua participação no MAM Atelier de Litografia e no Atelier Livre da UCS. Nessa década, além dos trabalhos gráficos, a artista passou a produzir obras pictóricas.

A comissão de seleção do projeto Museu Aberto foi composta por Marga Kroeff, Alfredo Nicolaiewsky e José Francisco Alves.

• Arlete Santarosa e Glaé Macalós ganharam o 1º e 2º prêmios, respectivamente, do 2º Salão Fundarte de Desenho e Gravura, realizado no mês passado, em Montenegro. Arlete apresentou a xilogravura "Navegantes", enquanto Glaé exibiu a gravura em metal "Foi além demais". As duas artistas participam da mostra dos 10 anos do Núcleo de Gravura em exposição no MARGS até o dia 11 de dezembro.

• A artista Eliane Santos Rocha realizou, em outubro, uma individual com 22 gravuras em metal na cidade de Aalst, próxima de Bruxelas, na Bélgica. A mostra ocorreu no Centro Cultural de Belfort com bastante sucesso. Em menos de 10 dias, a artista vendeu 34 gravuras.

BALANÇO MARGS 1991-1994

Durante a gestão do professor e arquiteto José Albano Volkmer (março de 91 a novembro de 93) e do jornalista Ernani Behs (até dezembro de 94), o MARGS privilegiou a exibição do seu acervo, realizando, também, uma série de exposições temporárias, nacionais e internacionais. O museu proporcionou à comunidade uma média de 20 cursos de arte por ano, e o ponto alto da atividade de extensão foi a realização de várias caravanas culturais que percorreram o interior do Estado, mapeando o patrimônio histórico artístico e arquitetônico.

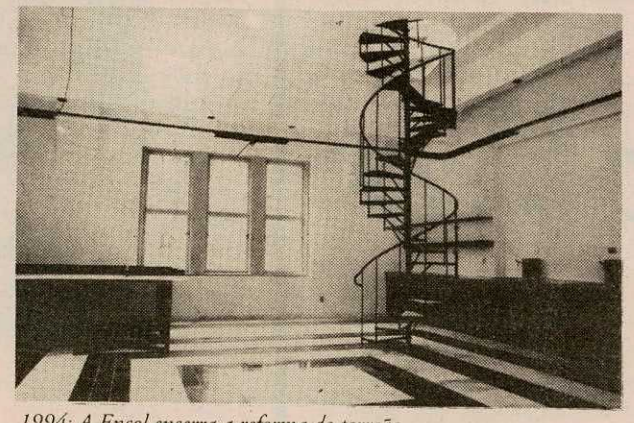
Com a saída dos professores em 1991, o MARGS reorganizou o seu corpo técnico a partir de julho de 1992 em núcleos de acervo e exposições, extensão, comunicação, administrativo, documentação e arquitetura. O núcleo de documentação retomou a organização das pastas dos artistas, da biblioteca especializada de 1500 volumes, das fotografias, slides e materiais diversos. Os catálogos coletivos gaúchos, desde a década de 40, já estão sistematizados para consulta dos interessados. O arquivo pessoal de Iberê Camargo, com jornais, correspondências, catálogos e fotografias também está sendo organizado.

Nesse período, a Associação de Amigos do Museu de Arte do Rio Grande do Sul realizou uma série de reformas e melhorias no prédio do MARGS, entre elas, a reorganização da Reserva Técnica e a tranferência do setor administrativo e funcional para o subsolo do museu, possibilitando mais espaço para as exposições. A AAMARGS desenvolveu também os projetos de música no museu, Coral MARGS, iniciativas em arte-educação e visitas monitoradas, além de sanar algumas lacunas do próprio acervo do MARGS. Em 1993, por exemplo, a AAMARGS doou ao MARGS uma série de 15 obras de 13 artistas gaúchos, completando a coleção da arte feita no Rio Grande do Sul nos anos 80. A AMMARGS possui, desde abril de 1993, este jornal mensal, veículo de divulgação das atividades do museu e da associação. Nesse mesmo ano, o ambiente do MARGS ficou mais agradável, com a instalação da cafeteria Coffee Cantata. Em 94, a Arteloja também foi reformulada. Nos últimos quatro anos, a AAMARGS foi presidida por Evanice Pauletti (91/92), Luís Alberto Buchholz (93/94) e Milka Levacov (94/95).

A parceria com a iniciativa privada também proporcionou ao MARGS melhorias no seu prédio histórico que necessita de uma total restauração. A ENCOL, por exemplo, reformou todo o torreão principal do prédio, sanando o problema das famosas cascatas que inundavam parte do prédio nos dias de chuva.

Abaixo, as principais exposições do MARGS nos últimos quatro anos:

1991 Nesse ano, cumpriu-se, principalmente, a agenda firmada no ano anterior. Destaque para as exposições Portugal na Época dos Descobrimentos, Acervo MAC-SP, Fotos de Annie Leibovitz, American Express, desenhos de Lasar Segall, retrospectiva dos gaúchos na Bienal de São Paulo, Gráfica-Alemã dos Anos 50-60, individual de Romanita Disconzi e A Via Sacra de Ado Malagoli. O MARGS também realizou uma série de exposições de acervo, exibindo suas obras em algumas cidades, entre elas, em Brasília.



1994: A Encol encerra a reforma do torreão

Fotos Ilka Portes

1994: Reformulação da Reserva Técnica

1992 Entre os destaques de acervo, estão iniciativas como MARGS por Alceu Collares e MARGS por Olívio Dutra, as coletivas Arte Brasileira nos anos 50-60-70, Artistas Latino-Americanos no Acervo do MARGS, MAM-Atelier de Litografia: uma doação e Núcleo Básico do Acervo. Entre as temporárias, destacam-se o Universo de Chagall, a Gráfica de Max Ernst, Gravura Contemporânea do Japão, Arquitetura Contemporânea Japonesa, além da coletiva Brasil Hoje que registrou a visão dos artistas e fotógrafos sobre o impeachment do presidente Fernando Collor. Vale lembrar a boa repercussão das mostras Os Salões Oficiais da Chico Lisboa 1938/1964, o workshop Brasil/Alemanha e a série de desenhos de Iberê Camargo, dentro do projeto Um Ato de Amor à Vida. Destaque também para as retrospectivas de Plínio Bernhardt, Danúbio Gonçalves, individuais de Jader de Siqueira, Norberto Stori e Zorávia Bettiol.

1993 O MARGS realizou 55 exposições neste ano. Entre os destaques Arte Sul 93, as individuais de Paulo Peres, Leo Dexheimer, José Francisco Alves, Roth, Mariana Canepa, Helga Miethke, a mostra de Max Klinger, o Salão da Chico Lisboa, além das exposições didáticas Abstracionismo Anos 50-60 na Arte Brasileira e Projetos Figurativos na Arte Brasileira. Na semana de seu aniversário, o museu exibiu as pinturas de Ado Malagoli, doadas ao MARGS pela viúva do artista, dona Ruth Malagoli, e pelo casal Raul e Mila Cauduro. A coleção de 15 obras de 13 artistas gaúchos contemporâneos, doada pela AAMARGS ao acervo do MARGS, também ficou em exibição nas Pinacotecas. Nesse ano, o MARGS participou como co-promotor da exposição de Joseph Beuys, realizada no Edel. Em agosto, também foi lançada a campanha S.O.S MARGS, numa iniciativa da Câmara Municipal de Porto Alegre e co-promoção da AAMARGS, com renda em prol da restauração do prédio do museu.

1994 Entre os destaques deste ano, está o Projeto Presença que revelou uma amostragem da produção gaúcha contemporânea, exibindo 22 artistas no saguão do MARGS. Além das mostras itinerantes, do projeto Arte-Educação, o museu exibiu as gravuras e desenhos de Iberê Camargo do seu acervo e foi sede de exposições importantes como a Coleção Mestres Brasileiros do Chase Manhattan, Artists Printers (Consulado Americano), Fotos da Bauhaus, além das individuais de Britto Velho, Ruth Schneider, Paulina Eizerick, Gaudêncio Fidélis, Arnaldo Battaglini e o resgate da obra de OTA, entre outras mostras. O museu também participou com obras do acervo da exposição itinerante Bienal Brasil Século XX. Um dos pontos altos do ano é Projeto Gralha Azul - uma parceria com o Madison Children's Museum (EUA) - em torno da conscientização ambiental e artística, envolvendo trabalhos com estudantes, exposições, palestras, roteiros ecológicos, concurso de esculturas efêmeras, além do intercâmbio de técnicos dos dois museus e da mostra Nossos Bosques têm mais vida?

EXPEDIENTE **Presidente** Milka Levacov **Vice-Presidente** Evanice Pauletti **Conselho Editorial** Ernani Behs • Luís Alberto Buchholz • Luís Garcez • Naira Vasconcellos • Paulo Gomes **Jornalista Responsável** Cida Golin RG 6.256/25 **Edição** Cida Golin **Colaboradores** Sandra Rey • José Luiz do Amaral • Paulo Gomes • Rosana Lemos • Vera Reis Pinto • Rosa Inês Westphalen **Diagramação e Editoração Eletrônica** Atelier Design Gráfico **Fotolito** Proletra • **Impressão** Grande Sul **Distribuição Gratuita** Tiragem 3 mil exemplares **Cartas para AAMARGS** Praça da Alfândega, s/n 90010-150 Porto Alegre RS • Fone (051)227-2311 • Todas as pessoas envolvidas na publicação deste jornal são colaboradores voluntários, não fazendo jus a nenhuma remuneração. A responsabilidade dos artigos é exclusiva de seus autores.

NOSSOS BOSQUES TÊM MAIS VIDA?

Pivetes andam em bandos nas ruas. Não só para assaltar, mas para se protegerem dos esquadrões de extermínio. O executivo da mesa ao lado dá ordens pelo seu celular. Na calçada, os transeuntes perderam a elegância da classe média dos anos atrás. Lá fora, as roupas surradas contrastam o charme do velho bar. O mesmo de tantas histórias. De antes da ditadura, quando ainda se acreditava que a vida se imporia a partir de nossos bosques. O mesmo bar de durante a ditadura, quando se falava baixo, fingindo ser o burguês que se era e se acreditava não ser. Na rua, em carros importados, circulam abastadas barrigas protegidas por fortes guarda-costas. A banha das baleias continua sendo queimada e a banha dos nordestinos, dos sem-terra do sul e dos povos da Etiópia há muito já não existe.

Xenofobia virou palavra cotidiana nas conversas do Velho Mundo. Em Amsterdã, que acolhia os refugiados da Inquisição no século dezessete, começa a surgir o sentimento de que os negros do Suriname deveriam voltar. Nas terras altas da Grã-Bretanha, onde as ovelhas pastam livres na tundra, já não há, desde há muito, nada intocado pela mão do homem que organiza, sistematiza, desvitaliza. Os pântanos da Flórida estão poluídos, e a Amazônia expõe cicatrizes de queimadas e de pistas de pouso clandestinas por onde a riqueza voa para o exterior. A sociedade pós-industrial perdeu a vibração da vida. Em Liverpool, não há mais nada do buliço portuário da época dos Beatles. As sociedades periféricas herdaram a poluição e a violência. Do extermínio de índios, passamos ao extermínio de meninos de rua.

Aqui ainda há o que exterminar. Há até produto de exportação para extermínio, como as crianças cujos órgãos abastecem hospitais do primeiro mundo. Não há dúvida: nossos bosques, planícies e montanhas ainda têm mais vida. Resta saber para quê?

A pergunta se impõe e vem sendo trabalhada por artistas de todo o mundo. A questão da ecologia e da dignidade humana tem sido uma constante em exposições de Nova Iorque a Estocolmo. Em Porto Alegre, paralelo trinta da confusão global, Ana Norogrando, Diana Domingues, Gustavo Nakle, Irineu Garcia, Lenir de Miranda, Maria Tomaselli Cirne Lima e Marlies Ritter foram convidados a se pronunciarem. O que fazem com obras contundentes com que propõe a reflexão sobre a situação da vida, não só em nossos bosques, como fala o Hino Nacional, mas nas diversas dimensões do mundo contemporâneo.

Aqui, como em outros lugares, nossos artistas e nossa arte insistem em viver ou sobreviver à eliminação do que pulsa, anda, corre, voa e incomoda. Mas isso já é outra história. Janeiro vem aí, e pior do que está não pode ficar.

José Luiz do Amaral
Professor e crítico de arte
Curador da mostra Nossos Bosques têm mais vida?

COLETIVA INTEGRANTE DO PROJETO GRALHA AZUL, COM OBRAS EM TORNO DA TEMÁTICA ARTE E ECOLOGIA. DE 1º DE DEZEMBRO A JANEIRO DE 95, NAS PINACOTECAS DO MARGS.

PRAZERES DO OLHAR

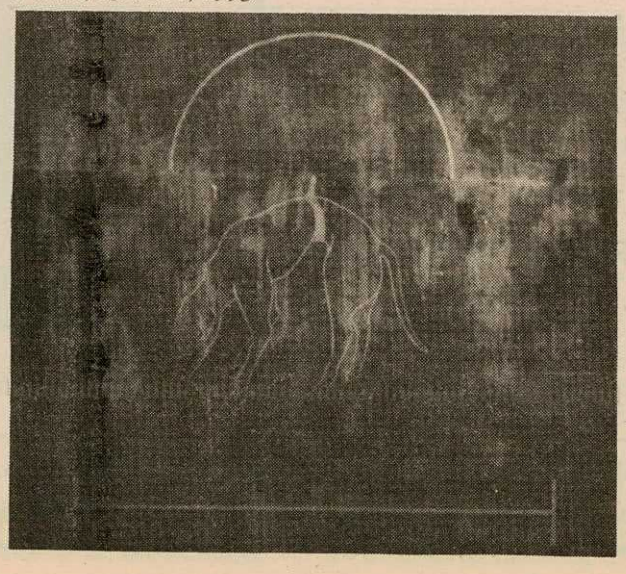
Liana Timm inaugura, no dia 13, nas Salas Negras do MARGS, a individual Prazeres do Olhar.
Para compor essa mostra, a artista partiu de suas preferências visuais, interferindo nas imagens a fim de seduzir o olhar.
Liana Timm explora linguagens bi e tridimensionais, a tecnologia contemporânea e o uso de referenciais cotidianos, "buscando no fragmento a consumação do desejo, necessidade ancestral de completude, que desdobrada pela poética visual, se presentifica em roteiros imaginários", complementa.
São 12 obras de várias dimensões em técnica mista (eletrofotogravura, tinta acrílica, bordado sobre tela e assemblage).
Nesses objetos, a artista explora o contraponto entre a estrutura - desestrutura, a figura - abstração, o uso da cor, entre outros elementos.
A exposição individual de Liana Timm fica em cartaz de 13 de dezembro a 15 de janeiro, com possível prorrogação.

Liana Timm, Prazeres do olhar (detalhe), técnica mista

EDUARDO DE MORAES PIRES

Prêmio destaque em pintura do 16º Salão da Chico Lisbôa (1993) e menção honrosa no último Salão da mesma associação (1994), Eduardo de Moraes Pires apresenta uma individual de pintura, na Sala Pedro Weingärtner do MARGS, a partir do dia 8 de dezembro. São oito telas em acrílico, onde o artista utiliza motivos do cotidiano como pretexto para uma discussão pictórica. O formato e a escala de seus quadros possibilitam "um embate com o seu próprio corpo". Nesse processo, Eduardo recupera, na textura do trabalho, vestígios da ação, o registro do seu esforço criativo, além de refletir questões materiais e temporais.
Pires é graduado em Ciências Sociais. Sua formação artística começou na UFPEL e seguiu através de cursos com Wladimirsky, Michael Chapman, Sérgio Fingermann, Fajardo, Dudi Maia Rosa, entre outros. O artista participou de coletivas como Arte de Três Polos e Nova Pintura, ambas no MAC-RS.

Eduardo de Moraes Pires, Acrílico sobre tela, s/ título, 132x140, 1993

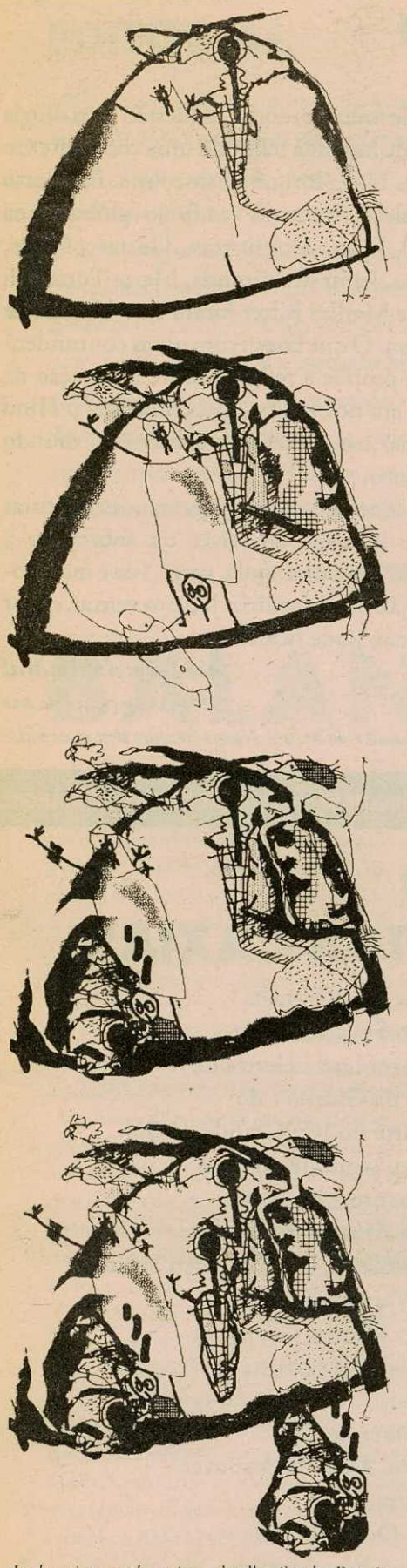


NAVI MOSTRA CAXIAS

O Núcleo de Artes Visuais de Caxias do Sul selecionou 17 artistas para uma coletiva de final de ano na Galeria I do Museu de Arte do Rio Grande do Sul.
Participam os seguintes artistas deste importante pólo de produção artística do Estado:
Adnício Bortolatto, Beatriz Balen Susin, Ana Maria Vergamini, Flávia Eberle Zugno, Genoveva Fincider, Iolanda Mazzotti, Jane De Boni, Lídia Abel Stangherlin, Luiza Gonglo, Mádia Bertolucci, Myriam Dutra, Neuza Zini, Odilza Scotti, Rita Brugger e Vera Martini.
A exposição fica em cartaz de 1º a 8 de janeiro, com possível prorrogação em janeiro.

Beatriz Balen Susin, cola vinil e pigmento acrílico, 110x100cm, 1993

INVESTIGAÇÕES SOBRE ALGUMAS POSSIBILIDADES DO *DEVIR*



Le devenir en quelques états - detalhe, Sandra Rey. 1º prêmio Arte-Festival Création et Infographie - 92. Escola de Beaux-Arts, Paris.

O computador, ao extrapolar o campo da ciência, para o qual foi criado, coloca à disposição da criação artística, recursos inovadores para a produção de imagens. A imagem produzida pelo computador é radicalmente diferente das imagens produzidas pelos outros meios tecnológicos (*fotografia, cinema, vídeo*) ou pelos meios mais tradicionais como *a pintura, o desenho, a gravura.*

Couchot observa que, contriamente à imagem tradicional, que é sempre o registro de um traço deixado por um objeto preexistente pertencente ao mundo real (*traço ótico* na fotografia, cinema, vídeo ou *traço físico* resultante do encontro do pincel e da tela no caso da pintura), a imagem produzida pelo computador é produto da visualização de um algorítimo. Ela é produzida por uma linguagem de programação, fonte de todo o funcionamento do computador. Ele estabelece uma diferenciação entre as novas técnicas informatizadas e as técnicas tradicionais, no sentido de que as técnicas informatizadas não produzem objetos, elas não transformam a matéria como as técnicas mecânicas ou a energia como as técnicas eletrônicas. O que elas fazem é tratar os dados numéricos segundo instruções fornecidas à máquina sob a forma de programas. Estes programas são escritos em linguagem formalizada interpretável pela máquina.

É útil salientar que a maneira pela qual o computador - máquina para tratar a informatização - funciona, é, essencialmente, como *linguagem* (gama de símbolos organizados). A partir daí instala-se uma nova relação entre o *dizer* e o *fazer*, o *pensamento instrumental* e o *pensamento simbólico*, entre o *sentir* e o *perceber*. Dentre estas inúmeras alterações, gostaria de enfocar brevemente os conceitos de **processo** e **produto final** na produção artística.

Sob suportes materiais, convencionais ou não, **processo** são os meios e procedimentos realizados pelo artista, assim como as relações estabelecidas com o campo artístico e cultural para a materialização do **produto final**, isto é: a obra. A obra, então, apresenta-se como o resultado de procedimentos técnicos e materiais com o pensamento. Na arte Clássica, as relações entre a obra e o artista eram pontuadas pelo conceito de *mímesis*. Ao artista cabia dominar a técnica (perspectiva e procedimentos pictóricos) para a adequada representação do modelo ou assunto tratado. Neste sentido, todos os gestos do artistas deveriam ser apagados do suporte em favor da modelo representado. Já, por exemplo, no Abstracionismo, a negação do modelo referencial evidencia e passa a valorizar o gesto como marca do artista.

- Como ficam então os conceitos de **processo** e **produto final** a partir da criação por computador?

Quando realiza-se um traço ou um gesto com a ajuda do programa, da mesa gráfica, do **mouse**, ou mesmo através de fórmulas matemáticas, este traço imediatamente se **virtualiza** através de cálculos matemáticos sofisticados, já como um **produto final**, passível de ser **congelado** sob um novo documento.

No meu **processo** particular de produção (criação?) de imagens, estes inúmeros traços e gestos vão se justapondo, sobrepondo e imbricando até formar o **produto final** na tela do monitor, isto é: uma imagem que sintetize minhas intenções conscientes e inconscientes, que seja reveladora de uma **ordem** antes oculta, e que somente *na* imagem (muito antes que *pela* imagem) pode **tornar-se visível**.

A imagem produzida pelo computador - *a obra infográfica* - é fundamentalmente uma *simulação*, traduzível pela linguagem lógico-matemática dos algorítmos. Enquanto dado no computador, uma infografia também não é uma realidade palpável, material, mas *virtual*. E enquanto *realidade virtual*, ela é potencialmente passível de inúmeras *transformações*. É, neste sentido, que situam-se minhas investigações experimentais sobre os *meios virtuais* e *plásticos* do grafismo produzido pelo computador:

«como investigações sobre algumas possibilidades do devir»

Duplo devir: o devir da minha produção a partir da interferência deste meio tecnológico no meu grafismo, e o **devir** da arte, uma vez que - parece-nos - estamos diante de uma nova revolução similar à que a fotografia na arte acadêmica no final do século passado. Para conhecedores da História da Arte, é consenso que esta nunca mais foi a mesma depois do advento da fotografia.

- Poderá, a arte Contemporânea, permanecer impassível diante da revolução provocada pelo computador?

Então examinemos alguns deslocamentos: o computador possibilita uma inovação até então impensável sobre os suportes convencionais. A partir de um **produto final**, que poderá ser, instantaneamente, reproduzido em um novo documento, é possível reinvestir a imagem, buscando-se a uma nova etapa de elaboração. E isto pode dar-se através de uma leve interferência gestual no plano do documento informático: a partir desta interferência de uma nova **lógica**, se estabelece na estrutura da imagem, nova etapa do **processo**, concretizado por um novo **produto final**. Inútil dizer que este **processo** de interferência pode repetir-se *ad infinitum* e a cada **lógica imagética** estabelecida obter-se-á uma nova infografia.

Filósofos e cientistas podem, talvez, "torcer o nariz" para esta **atitude investigadora** ou **criadora**, mas ela tangencia conhecimentos interdisciplinares: a ciência contemporânea, através da teoria do Caos, demonstra que mesmo se a natureza for regida por leis estritamente deterministas, conforme expresso por Laplace em seu célebre teorema, o futuro poderá se apresentar, até para quem detém o conhecimento das leis naturais, como cheio de *possibilidades*. Para uma mínima alteração do estado inicial, o **Caos** formulado pela física contemporânea demonstra-nos grandes alterações no estado final.

Esta *imprevisibilidade* que se manifesta em todo sistema natural, parece ser também o elemento básico no conceito de *criação* da obra de arte. Qualquer mínima alteração no suporte investido produzirá desequilíbrios entre os elementos, produzindo (ou provocando) uma nova **ordem** no resultado final.

Mas a apreensão e decodificação do real, território de investigação dos cientistas, sempre foi a mais autêntica preocupação da filosofia. E se dermos um mergulho num passado longínquo, poderemos nos deparar com Heráclito (544-484 aC) que, tal como seus contemporâneos pré-socráticos, busca compreender a multiplicidade do real. Heráclito, entretanto, não rejeita as contradições, tentando apreender a realidade na sua mudança, no seu *devir*: "nós não podemos entrar duas vezes no mesmo rio"(frag.134), uma vez que tudo existe, existe somente por outra coisa, tudo *é processo e transição*, resultante da união dos contrários. Parece ser o grande mérito de Heráclito, a não eliminação das contradições e do conflito. A harmonia nasce da síntese dos contrários, segundo ele.

O computador permite-nos *a simulação de um **devir*** - contradições e conflitos levados em conta - como cheios de *possibilidades*? Parece que sim, pelo menos na área gráfica.

A imagem infográfica, enquanto virtualidade ou até mesmo materializada pela impressão, não é mais produto de um **processo** para chegar-se a um *produto final* como no caso dos suportes tradicionais ou meios tecnológicos. Cada intervenção na imagem produzida pelo computador, torna-se um **produto final**. Numa obra infográfica, estes conceitos de processo e produto final, imbricam-se de tal maneira que podemos pensá-la da seguinte maneira: *nem processo, nem produto final*, ou então, *puro processo, e a cada intervenção um produto final.*

Mas, basicamente, o que o computador possibilita, é *cristalizar* as etapas do *processo*, na investigação sobre as *possibilidades* **do devir**. O **devir** como um constante **devir-outro**, enfatizando a *instalibidade* da relação **sujeito-objeto** na produção de significado da produção artística contemporânea.

Sandra Rey
Artista-plástica, Dra. em Artes e Ciências da Arte (Artes Plásticas) pela Universidade de Paris I - Panthéon Sorbonne.
Prof. Orient. do Mestrado de Artes Visuais da UFRGS

Referências:
COUCHOT, Edmond. Sujet, objet, image. Cahiers Internationaux de Sociologie, 1987, vol.82 (jan.)

CALENDÁRIO MARGS DEZEMBRO/94

1ºQui	Abre **Nosssos Bosques têm mais vida?** Pinacoteca.
	Abre **NAVI-mostra Caxias**. Galeria I.
	Segue **Mara Caruso & Leo Dexheimer**. Saguão. Até 1º.01
	Segue **Núcleo de Gravura: 10 anos**. Salas Negras. Até 11.12
	Segue **Gralha Azul: Arte Infantil**. Pedro Weingärtner. Até 4.12
4Dom	**Música no Museu**. Pinacotecas, 17h
8Qui	Abre **Eduardo Moraes Pires**. Pedro Weingärtner. Até 1º.01
13Ter	Abre **Liana Timm**. Salas Negras. Até 8.01

Concerto especial de Natal com Coral MARGS e Somúsica dia **18**, às 17h, nas Pinacotecas. Entrada Franca.

O horário de visitação do MARGS é de terças a domingos, das 10h às 19h, na Praça da Alfândega, s/nº.
Em janeiro, segue a mesma programação de dezembro.